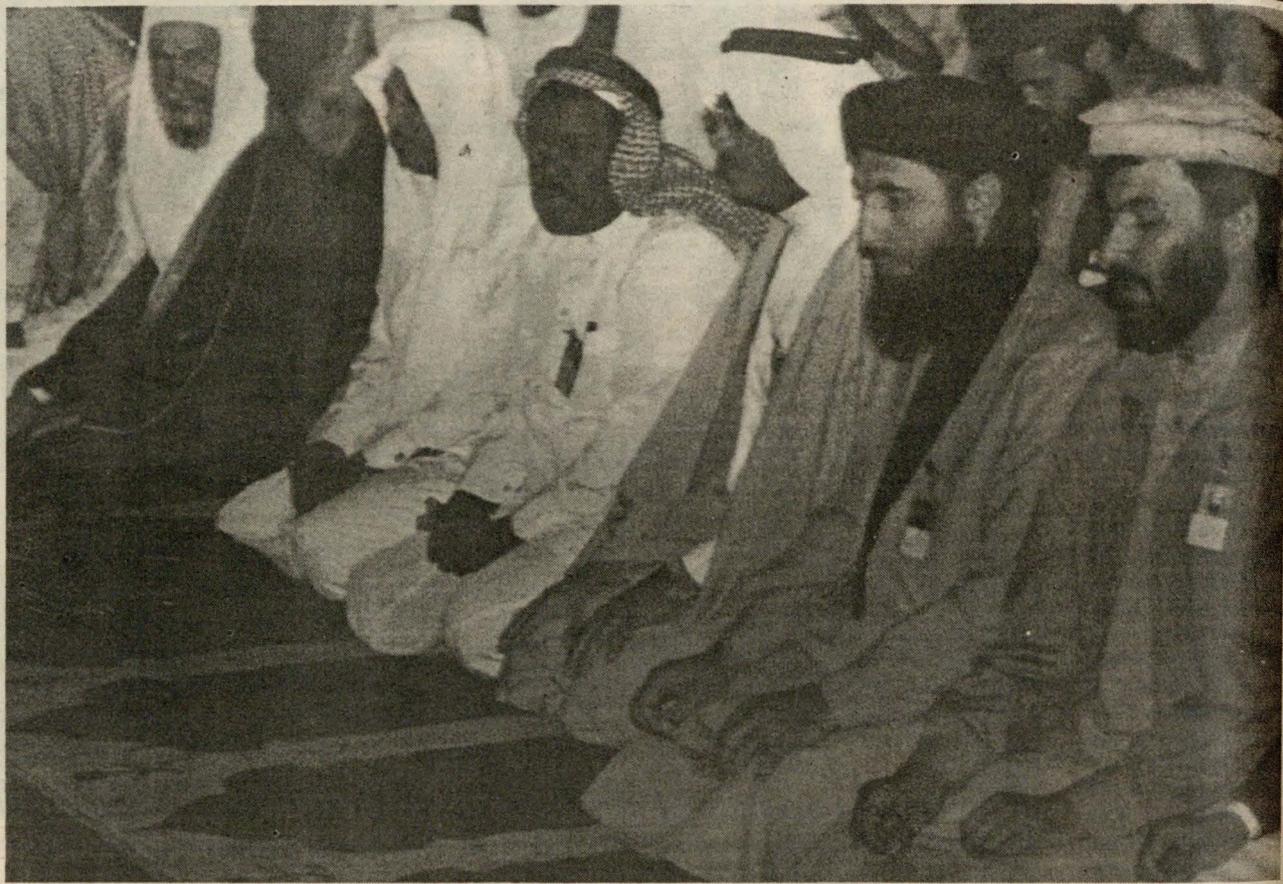


CONFERÊNCIA ISLÂMICA RECONHECE GOVERNO DOS REBELDES AFGÃOS

A Organização da Conferência Islâmica condenou, ontem, a obra do escritor britânico Salman Rushdie «Versos Satânicos» e reconheceu o Governo constituído pelos grupos que combatem o regime de Cabul. Os 46 países membros daquela organização aprovaram, também, uma resolução em que se defende a realização de uma conferência internacional sobre o Próximo Oriente e se pede que o Mundo não reconheça Jerusalém como capital do Estado de Israel.

Lusa/DP.



OS LÍDERES DA DELEGAÇÃO AFGÃ à conferência de Riade durante as suas orações

IRÃO ISOLADO

As 50 resoluções aprovadas durante a 18.ª sessão da Organização da Conferência Islâmica ignoram as ameaças do Irão contra o escritor Salman Rushdie. Teerão pretendia que os Estados membros apoiassem a condenação à morte do autor de «Versos Satânicos» determinada por Khomeini e o corte de relações diplomáticas entre o Irão e a Grã-Bretanha. Os dirigentes iranianos queriam, também, que a Orga-

nização da Conferência Islâmica não reconhecesse o Governo formado pelos agrupamentos que lutam contra o regime afegão.

Numa das resoluções aprovadas, os Estados membros manifestam-se solidários com o levantamento dos palestinianos na Cisjordânia e na faixa de Gaza e pede-se «a retirada imediata dos israelitas» sob a vigilância da ONU. A Organização da Conferência Islâmica condenou «a imposição das leis

israelitas nos Montes Golá» e criticou a ocupação do Sul do Líbano por Israel. Além disso, defendeu a realização de uma conferência interna-

cional sobre a violência e protestou contra «as frequentes agressões dos Estados Unidos contra a Líbia». Decidiu, por fim, e «como

acto de boa vontade», ceder o lugar deixado pelo Afegão ao Governo das organizações que combatem o regime de Cabul.

«Todos nós somos Salman Rushdie»

O Ministério do Interior belga proibiu a leitura pública de «Versos Satânicos», organizada por um grupo de escritores e de professores e marcada para depois de amanhã.

As autoridades da Bélgica tomaram aquela

decisão por «motivos de ordem pública» — segundo os promotores da manifestação que tinha por lema «todos nós somos Salman Rushdie».

A leitura do livro tinha sido autorizada pelos responsáveis autárquicos.